

*

CHICO BUARQUE DAS LETRAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA COM AS NOÇÕES DE PARATOPIA E RITOS GENÉTICOS

CHICO BUARQUE OF THE LETTERS: A DISCURSIVE ANALYSIS WITH THE CONCEPTS OF THE PARATOPIA AND GENETIC'S RITES

Maria Renata Casonato Motta¹

Resumo: Este artigo é fruto do projeto de Iniciação Científica desenvolvido na UFSCar, intitulado “Paratopia criadora e ritos genéticos: uma abordagem discursiva da crítica à obra literária de Chico Buarque de Hollanda” no âmbito do Grupo de Pesquisa COMUNICA – Reflexões Linguísticas sobre Comunicação. Observaremos o modo como o lugar do autor se constrói através da análise dos textos da crítica literária a respeito dos livros *Budapeste* (2003) e *Leite Derramado* (2009) de Chico Buarque de Hollanda. Os dados focalizados neste artigo são parte do corpus de pesquisa e estão circunscritos aos jornais Folha de S. Paulo e Estado de S. Paulo, no período de 2003 a 2012.

Palavras-chave: Chico Buarque de Hollanda; paratopia criadora; ritos genéticos.

Abstract: This article is the result of Undergraduate Research project developed at UFSCar, entitled "Paratopia and genetic rites: a discursive approach to literary criticism of Chico Buarque" in the Research Group COMUNICA - Reflections on Linguistic Communication. We will see how the author's place is built by analyzing the texts of literary criticism about the books *Budapeste* (2003) and *Leite Derramado* (2009) of the Chico Buarque de Hollanda. The data of this paper are part of the corpus of research and are confined to newspapers Folha de S. Estado and S. Paulo and Paul, in the period from 2003 to 2012.

Keywords: Chico Buarque de Hollanda; paratopia; genetic rits.

Introdução

¹ Aluna de graduação do bacharelado em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, departamento de Letras. Agradeço à Helena Maria Boschi da Silva, mestranda PPGL/UFSCar, pela revisão técnica do artigo.

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Exercer a crítica afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes. (Machado de Assis. O ideal do crítico. In: *O jornal e Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 7)

O presente artigo é um recorte de um projeto de Iniciação Científica orientado pela Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado que está sendo desenvolvido no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, no qual temos como objetivo analisar a circulação da crítica feita a obras literárias de Francisco Buarque de Hollanda, ou de Chico Buarque, nos termos de sua projeção social, publicadas entre 1974 e 2009, quando é publicado *Leite Derramado*, seu último romance. Mais precisamente, trata-se de examinar como essa circulação da crítica “afeta” e “produz” a autoria de Chico Buarque, o que pode ser observado à luz da noção de *paratopia criadora* proposta por Dominique Maingueneau, e também do que o autor propõe entender como *ritos genéticos*.

Os dados submetidos à análise para este trabalho específico são textos críticos acerca dos dois últimos livros lançados por Chico Buarque: *Budapeste*, de 2003, quando o autor volta a publicar – desde meados dos anos noventa não lançava nenhum livro –, e *Leite Derramado*, de 2009. Embora este último livro tenha sido recebido com restrições pela crítica, foi a obra ganhadora do Prêmio Jabuti na edição de 2010, gerando inclusive pedidos de revogação do prêmio, e recentemente foi escolhida pelo Conselho Interdisciplinar de Pesquisa e Editoração (CIPE) da Fundação Biblioteca Nacional para ser traduzido para a língua francesa. Foram estabelecidos quatro critérios para a seleção de um livro que pudesse ser traduzido: a relevância do autor e da obra a ser traduzida, a consistência da proposta e a qualidade do catálogo editorial da editora, o currículo do tradutor e a importância da publicação da obra para a promoção e divulgação da literatura no exterior.

Para dar conta de nosso objetivo, nos apoiaremos no corpo teórico desenvolvido pelo pesquisador Dominique Maingueneau, que se inscreve no quadro da análise do

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

discurso de tradição francesa propondo conceitos de base enunciativa. Neste caso, como foi dito, mobilizaremos especialmente a noção de *paratopia criadora* e sua correlata *ritos genéticos* para analisar o modo como o lugar do autor se constrói, afetado pela crítica literária, que é também, segundo nossa hipótese, condicionadora de leituras futuras, feitas pelo público leigo. Nosso objetivo é ver Chico Buarque através de uma leitura profissional e autorizada, partindo do pressuposto de que a crítica literária é a primeira leitura pública feita de uma obra literária, que, assim, condiciona experiências futuras de contato com a obra.

Iniciamos nosso trabalho com um levantamento dos referidos textos críticos que circularam em meios impressos e digitais entre os anos de 2003 até 2012. Anotamos possíveis diferenças entre as circulações em meio impresso e meio digital, pois acreditamos que essa diferença de meios e materiais implica diferentes leituras e interpretações, mas não nos deteremos, nesta ocasião, nesses traços distintivos. Aqui, delimitamos, entre os veículos de comunicação escolhidos como corpus da pesquisa, os jornais *Folha de S. Paulo (Folha)* e *O Estado de S. Paulo (Estadão)*, ambos de ampla circulação, e a Revista *Carta Capital*, um contraponto ao modelo de crítica que circula nos jornais coletados.

No âmbito mais geral da coleta, foram definidas duas críticas para análise detalhada do caso de cada livro, já no que tange ao que pretendemos debater neste artigo, a proposta é estabelecer um quadro mais geral apresentando comentários selecionados dessas críticas, a fim de mostrar como elas participam da condição paratópica de autor.

A partir disso, para entender a crítica literária na abordagem pretendida, nos apoiamos no crítico Ivan Teixeira, em sua série de artigos que circularam na *Revista Cult* sobre as principais correntes e escolas da crítica literária. “Fortuna Crítica é uma série de seis artigos de Ivan Teixeira sobre as principais correntes da crítica literária e das teorias poéticas”, diz o editorial de cada artigo publicado na revista.

Sobre o corpus

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

A coleta do corpus da pesquisa nos jornais *Folha* e *Estadão* foram feitas sob o padrão do mesmo procedimento de pesquisa, utilizando o acervo digitalizado dos jornais. É um espaço que permite aos leitores dos jornais, sobretudo aos pesquisadores, utilizarem um conjunto completo de informações de determinadas épocas.

Tanto o acervo da *Folha* quanto o do *Estadão* funcionam da mesma maneira: são reportagens oferecidas na internet com uma busca feita por meio de palavras-chave ou por datas. No nosso caso, utilizados as seguintes entradas: “Leite Derramado – Chico Buarque”, e “Budapeste – Chico Buarque”.

Ambos os jornais lançaram o próprio acervo neste ano de 2012 e disponibilizaram por um período de três meses o acesso gratuito, entretanto, atualmente, para acessar o acervo é necessário ser assinante (o que nos parece, em termos de estudos do discurso, um dado relevante para pesquisas futuras). O *Estadão* disponibilizou 2,4 milhões de páginas digitalizadas com “um panorama dos fatos mais importantes do Brasil e do mundo desde 1895” (LEITE, 2012). A *Folha* dispõe na internet um acervo de 90 anos de história, abrangendo os jornais *Folha da Noite* (1921); *Folha da Manhã* (1925); *Folha da Tarde* (1949-1959) e *Folha de S. Paulo*, que teve seu primeiro exemplar em 1º de janeiro de 1960².

Leite Derramado

Ao operarmos, na busca no acervo histórico do *Estadão*, com a entrada “Leite Derramado – Chico Buarque”, logo de início aparecia um gráfico que cotava 64 vezes os termos de busca. E foi possível constatar que o ápice da circulação se deu no período de 2000-2010 – logo após o lançamento do livro em 2009 – e as demais publicações seguem em menor quantidade de circulação até 2010. Talvez se possa hipotetizar que a circulação se dá entre os anos 2000 e 2010 porque nesse período Chico não lançou título novo. Porém, no ano seguinte, em 2011, lançou seu mais novo disco, *Chico Buarque*, com músicas inéditas e uma turnê de shows pelo Brasil, o que mudou o foco da

² As informações sobre o acervo da *Folha* de São Paulo estão disponíveis através do site: <http://acervo.folha.com.br/acervo/>

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

circulação e das críticas literárias para uma crítica musical – dado encontrado contundentemente nas pesquisas.

Ao procurarmos o mesmo termo de busca no acervo da *Folha*, podemos notar, logo de imediato, uma diferença interessante: neste caso, não há gráficos, mas ocorrências por anos de publicação e as páginas em que aparecem. No total, foram 90 páginas em que apareciam os nossos termos de busca. O ápice está no ano de 2009, com 49 páginas encontradas, o que, de acordo com nossa hipótese de pesquisa, é provável consequência do lançamento do livro neste mesmo ano. No ano de 2010 são 21 páginas. E o menor índice é em 2012, com 12 páginas.

Budapeste

Quanto ao gráfico do *Estadão*, ao buscarmos a entrada “Budapeste – Chico Buarque”, nos deparamos com 201 ocorrências do termo de busca, bastante superior ao que se passava com *Leite Derramado*, com apenas 64 ocorrências. O ano em que mais aparecem ocorrências é 2004, um ano após o lançamento do livro. Em 2003, as ocorrências começam em setembro e perduram até o mês de dezembro, com o ápice em novembro.

Na *Folha* encontramos um índice de 246 páginas de ocorrências. No período de 2009-2012 dá-se o ápice: são 96 páginas do jornal, nas quais, no ano de 2009, temos 91 páginas, em 2010 temos 2, em 2011 apenas 1 página e em 2012 2 ocorrências.

Ao compararmos os índices de busca, considerando apenas o nome Chico Buarque, podemos notar que, neste caso, aparece um período entre 1980-2001 – época que antecede o lançamento de *Budapeste*, lançado em 2003. Dessa forma, segundo nossa hipótese de pesquisa, as datas são referentes à carreira de músico de Chico Buarque e também sobre as duas narrativas já lançadas anteriormente: *Estorvo* (1991) e *Benjamin* (1995).

Processo de criação literária

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

De acordo com Maingueneau, os *ritos genéticos* são atividades rotineiras para designar os costumes e até mesmo manias que um escritor cultivava ao escrever suas obras literárias (Cf. 2012, *DISCURSO LITERÁRIO*). Em nosso caso, vamos analisar os *ritos* de Chico Buarque na produção de *Budapeste* (2003) e *Leite Derramado* (2009), encontrados nos jornais *Folha* e *Estadão* em formato de entrevistas e nas críticas literárias que fazem parte do corpus de nossa pesquisa.

Os *ritos genéticos* são parte do *lugar paratópico* do escritor, são os costumes e hábitos que participam da composição de seus textos, da materialização de sua obra; ou seja, há convergências no modo de agir do autor enquanto escritor em meio a um processo de criação e no modo de agir enquanto ser empírico que convive em uma determinada sociedade.

No caso de Chico Buarque, a condição paratópica é exponencial, se considerarmos seu papel enquanto músico (notadamente compositor, embora também intérprete, o que abre para muitas reflexões sobre os processos de criação e recriação), músico muito famoso, que construiu toda sua carreira pautada na música popular brasileira, sobretudo desde os anos 1960, tornando-se referência no cenário cultural brasileiro com forte circulação internacional, principalmente na Europa e, lá, na França e na Itália.

Em uma entrevista à *Folha*³ em que Chico Buarque falava sobre sua carreira musical, sua posição como escritor também foi abordada. Ele afirmou que prefere separar as duas carreiras, considerando-as distintas, e que o público, muitas vezes, não conseguia vê-lo como escritor: “Eu procuro separar o compositor do escritor; entendo que são duas coisas diferentes; mas é uma coisa pessoal minha; é difícil convencer o leitor de jornais do meu sentimento”.

Isso ilustra bem o que diz Maingueneau em sua obra *Gênese dos Discursos* sobre os *ritos genéticos*:

Mesmo que cada escritor tenha uma maneira única de fabricar seus textos, isso não impede que, em suas grandes linhas, essa maneira seja implicitamente condicionada pelo estatuto do discurso literário de um

³ A entrevista pode ser encontrada em: FOLHA DE S. PAULO. A canção, o rap, Tom e Cuba, segundo Chico. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E4, 26 de dez. 2004.

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

momento e para uma sociedade dados, assim como pela “escola” à qual, querendo ou não, ele se vincula. Não há incompatibilidade entre ritos pessoais e ritos “impostos” por um pertencimento institucional e discursivo. (2008, p.133)

Assim, se Chico Buarque está inserido no período literário do início do século XXI, num mundo globalizado, num país que vive uma expansão social com certas características, entre as quais um aumento da produção editorial de caráter comercial, de acordo com Maingueneau, sua produção é tanto condicionada por esse período histórico e pela sociedade a que pertence e as comunidades discursivas em que sua obra circula, quanto é condicionado por seus *ritos genéticos* que, segundo ele, pretendem separar a literatura da música, como reforça novamente em entrevista dada em 2004⁴: “Acho que escrevo livros como faço música. Tenho música na cabeça o tempo todo. Eu nunca ouço música, porque atrapalha meu escrever” (LEITE, 2005). Ou seja, tanto a música quanto a literatura são encaradas por Chico Buarque como duas atividades distintas: embora se afetem “na sua cabeça”, não estão interligadas em suas manifestações materiais. Pelo contrário, cada uma tem seu tempo e espaço. Isso fica indicado, por exemplo, quando diz que, estando imerso em uma produção literária, não ouve sua própria música, para não ser influenciado.

Ao pensarmos nisso, podemos tomar por base outra entrevista veiculada na *Folha* em que Chico Buarque fala pela primeira vez do recém-lançado *Leite Derramado*, em 2009. Nessa entrevista, ele deixa claros seus *ritos genéticos* no processo de criação literária:

Contou que seu processo de trabalho é lento, que prefere ler e que ‘escrever é uma chatice’. E que, toda vez que começa a escrever, retoma o que fez desde o começo – o que fica inviável à medida que o livro cresce. Tirou sarro da edição da Companhia das Letras, de ‘letras grandes’, que deixou o livro com 200 páginas. ‘Na verdade ele teria umas 150. Considerando as vezes em que Eulálio volta na história, é um livro de 20 páginas’ (...) Brincou com o fato de sentir-se mal quando livros terminados insistem em não deixá-lo. E conta que quebrou a perna logo após terminar o romance. ‘Era Eulálio me lembrando que ainda estava aqui’. (COZER, 2009)⁵

⁴ Chico Buarque foi entrevistado em Nova York por Paul Auster. A entrevista está no Caderno Ilustrada da Folha de SP, em 18 de abril de 2005.

⁵ Matéria pode ser encontrada por meio de sua referência: COZER, R. Para Chico, ‘escrever é uma chatice’. *Folha de São Paulo*, Caderno Cotidiano Especial, p. C7, 4 jul. 2009.

Tomando por base a entrevista da jornalista Raquel Cozer com Chico Buarque, podemos notar que, quando Chico Buarque retrata seus hábitos e costumes, que não são só os propriamente escriturísticos, segundo Maingueneau, mas todos os ritos que, real ou imaginariamente antecedem – e alimentam – o processo de inscrição textual, podemos começar a entender melhor a noção de *paratopia criadora* (MAINGUENEAU, 2008), que articula três instâncias: a de *escritor* (um gerenciamento social da carreira, da vida de escritor, suas entrevistas, suas aparições públicas, as menções midiáticas e institucionais a ela), a de *pessoa* (ainda que discursivamente não se trate de recuperar uma biografia ou uma psicologia, trata-se de considerar que o ser histórico tem uma trajetória que afeta diretamente as condições de produção de sua obra) e a do *inscritor* (que diz respeito ao trabalho textual mais estritamente). Por exemplo, enquanto *inscritor*, podemos destacar que, para ele, “escrever é uma chatice” (HOLLANDA apud COZER, 2009); no que diz respeito à instância *escritor*, essa quantidade de entrevistas é já um exemplo de como se constitui sua imagem pública de autor e de como ele está instado a gerenciá-la; para apontar a instância *pessoa*, podemos citar o fato de que, após terminar um livro, ainda lhe ficam fragmentos em sua vida, conforme declarou em entrevista, como no caso de *Leite Derramado*, cujo término de produção coincide com uma fratura na perna que fez o autor frequentar o hospital, o que ele refere jocosamente como uma forma de o personagem enfermo Eulálio d’ Assumpção não querer abandoná-lo: “Era Eulálio me lembrando que ainda estava aqui” (HOLLANDA apud COZER, 2009).

Ao discorrer sobre o conceito de *paratopia* em sua obra *Discurso Literário*, Maingueneau faz, entre outras, a seguinte caracterização sobre o esse *lugar de autor de textos literários*:

O artista boêmio é menos um nômade no sentido habitual do que um contrabandista que atravessa as divisões sociais. Seja ele um preceptor numa família rica, bibliotecário de algum príncipe ou de algum ministério, capitalista, professor de colégio... o escritor ocupa seu lugar sem ocupá-lo, no compromisso instável de um jogo duplo. Stéphane Mallarmé ensina inglês no colégio, mas é também o autor de poemas estranhos e o mestre que recebe seus fiéis na terça-feira em seu apartamento em Roma. (2012, p.99)

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Ao pensarmos na noção de *autor como paratopia*, aplicando-a ao nosso corpus sobre Chico Buarque, vemos que se trata de considerar que, ao mesmo tempo em que Buarque é o músico e compositor de música popular brasileira, é também o dramaturgo, o ex-marido da atriz Marieta Severo, o namorado da cantora Thaís Gulin e o pai de Silvia, Helena e Luisa Buarque de Hollanda. É o apreciador fanático do futebol, o filho de Sérgio Buarque de Hollanda com Maria Amélia Buarque de Hollanda, o afilhado de Vinícius de Moraes, o amigo de Gilberto Gil, João Gilberto e Caetano Veloso (WERNECK, 2010). Essas são algumas dentre outras condições do lugar social – ou dos lugares sociais – que formam Chico Buarque como autor literário.

O autor literário, segundo essa trilha teórica, cria uma enunciação entre o campo literário e a sociedade, de maneira a pertencer a um *impossível lugar* (MAINGUENEAU, 2012). Para tal criação, ele se utiliza de todo o aparato para produção literária que a sua época lhe oferece. Chico Buarque, enquanto criador, possivelmente tem hoje *ritos genéticos* diferentes da época de sua primeira produção literária, *Fazenda Modelo*. Entre esses espaços-tempos, seus *ritos genéticos* foram modificados pela sua fama como músico, como vimos, mas também pelo desenvolvimento dos aparatos tecnológicos, como, por exemplo, a chegada do computador ao Brasil em 1980, momento registrado por Werneck (2010, p.123) na seguinte passagem: “Tudo conspirava a seu favor, não era apenas a necessidade de aplacar a velha agonia pós-parto musical como também a novidade do primeiro computador, iniciativa de Marieta Severo. ‘Resolvi correr esse risco’, ele conta” (WERNECK, 2010, p. 123). Vemos que assim é que os ritos genéticos apontam para o jogo entre as instâncias *escritor, pessoa e inscritor*: o lugar socialmente atribuído está implicado na trajetória histórica que se cumpre como ser no mundo (percebida em indícios discursivos, nunca como totalidade transparente), implicado também no modo como se trabalha a matéria textual, isto é, nas condições de produção dos enunciados.

Paratopia familiar

No livro *Leite Derramado*, Chico Buarque constrói o que Maingueneau (2012, p.111) chama de *Paratopia Familiar*: “as *paratopias* de identidade familiar, assim

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

refletidas nas obras, desempenham um papel muito importante porque a atividade literária implica por natureza que o criador masculino questione a lógica patrimonial”. O livro tem como personagem principal Eulálio d’Assumpção, que está em um leito de hospital contando (e questionando) sua trajetória familiar às enfermeiras e à sua filha. Assim, a temporalidade é construída através da memória da história que vem à mente de Eulálio, que começa a devanear, fazendo com que dois tempos se entrelacem, primeiro o tempo real, dos acontecimentos no ambiente hospitalar em que ele está, e a temporalidade virtual, que é de suas imaginações e recordações do passado. Veja-se, por exemplo, o excerto:

Quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque na baixada hoje em dia faz muito calor. Não sei se foi sempre assim, se meus antepassados suavam debaixo de tanta roupa. (BUARQUE, 2009, p.5)

O nome do personagem Eulálio d’Assumpção é baseado no tataravô baiano de Chico Buarque, chamado Eulálio da Costa Carvalho (WERNECK, 2010, p.112). O romance é narrado em primeira pessoa com as lembranças e devaneios do personagem, e o leitor é conduzido por efeitos de sentido gerados pela construção cenográfica do ambiente hospitalar e de suas práticas, o que, no decorrer do livro, conduz a narrativa feita por Eulálio d’Assumpção como um delírio.

Eulálio conta sobre a tradição genealógica da família, seu casamento e sua amada Matilde. Relembra os tempos em que vivia na fazenda, fala sobre a época do Brasil imperial e republicano. Ele faz uma digressão temporal transitando entre um certo passado e um (in)certo futuro e, às vezes, volta à realidade e se depara com a sua condição num leito hospitalar.

Como vemos, o *escritor*, de acordo com Maingueneau, cria essa narrativa sem pertencer a “um verdadeiro lugar”, situando sua enunciação entre a sociedade e o campo literário, e construindo assim um dos efeitos *paratópicos* – podemos dizer que a

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

atividade de enunciação evoca a própria atividade de criação. Dessa maneira, a narrativa é produzida nessa obra tendo como base os hábitos da tradicional família burguesa marcada pela decadência familiar, classe da qual os Assumpção fazem parte. Esse tema, de acordo com a crítica Leyla Perrone-Moisés, é “um gênero consagrado do romance ocidental moderno”⁶ que, aqui, Chico Buarque, condicionado pelas instâncias que constituem sua autoria e sua obra, remonta.

Considerações finais: “Chico letrista” e “Chico escritor”

Como dissemos, no material coletado, vemos, logo de imediato, muitas comparações das autorias de Chico Buarque que, enquanto “Chico letrista”, é chamado a falar a respeito do “Chico escritor”. É o caso dos títulos intertextuais entre literatura e música que transbordam, por exemplo, na matéria publicada no Caderno Ilustrada da *Folha* no dia 13 de junho de 2004: “cantor hoje prefere rotina caseira e literária à música”⁷.

Durante a coleta e os primeiros esboços de análise do corpus, no desenvolvimento do trabalho de Iniciação Científica, podemos notar que nas publicações mais recentes dos jornais – período posterior ao lançamento do livro *Leite Derramado* (2009) – houve uma inversão da abordagem que parte da música para a escrita, e agora, com o lançamento do último CD “Chico Buarque”, a crítica passou a mobilizar o “Chico escritor” para falar do “Chico músico”.

Podemos observar a transformação da abordagem midiática em questão, por exemplo, na reportagem da *Folha*: “Compositor faz música de sua literatura em novo álbum com dez canções” (BARROS – SILVA, F. 2011), onde o jornalista refere-se à produção literária para falar do novo CD. Nessa mesma matéria, lê-se também: “Chico’ é um disco em que o herdeiro e o continuador da tradição de Tom Jobim rende homenagem ao escritor que ele também é” (BARROS – SILVA, F. 2011).

⁶ A crítica literária feita por Leyla Perrone-Moisés foi retirada da folha de rosto do livro *Leite Derramado*, 1ª. edição de 2009, publicado pela Companhia das Letras. PERRONE-MOISÉS, L. in BUARQUE, C. *Leite derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

⁷ SANCHES, P. Este moço tá diferente. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E4, 12 jun. 2004.

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

Dessa forma, deparamos-nos com duas faces artísticas de Chico Buarque de Hollanda, uma face músico, fortemente identificada com a de um letrista, e outra de escritor, fortemente identificada com a de romancista, que, tematizadas nas entrevistas, fazem aparecer principalmente às condições de produção dessa autoria literária, em que se destaca que “cabe então à história literária tecer correspondências entre as faces da criação e os acontecimentos da vida” (MAINGUENEAU, 1995, p.46).

Mais além, baseando-nos na hipótese de pesquisa e no corpus em processo de análise, podemos notar que uma memória discursiva acerca da carreira musical é retomada pelos críticos para analisar a obra literária de Chico Buarque. O que fica evidente em alguns dos excertos selecionados: “em ‘Budapeste’, seu terceiro romance, o cantor e compositor mergulha em uma literatura paralela (...)” (PAIVA, 2003); “cantor hoje prefere rotina caseira e literária à musical” (SANCHES, 2004); “alcança a potência vernácula e imaginativa de suas melhores canções” (TITAN, 2009), entre muitos outros que produzem esse “filtro” da crítica a sua obra.

Acreditamos que, em artigo futuro, poderemos explorar, a partir dessas considerações, uma reflexão maior sobre o quanto esse “filtro crítico” afeta a recepção da obra literária de Chico Buarque e, assim, é parte constitutiva de seu lugar autoral.

Referências

ACERVO FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: maio, 2012.

ACERVO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/>>. Acesso em: maio, 2012.

ASSIS, M. O ideal do crítico. In: *O jornal e Livro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 7

BARROS – SILVA, F. Chico no espelho. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E1, 15 jul. 2011.

BUARQUE, C. *Leite Derramado*. São Paulo, Cia das Letras, 2009.

_____. *Budapeste*. São Paulo, Cia das Letras, 2003.

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

COZER, R. Para Chico, ‘escrever é uma chatice’. *Folha de S. Paulo*, Caderno Cotidiano Especial, p. C7, 4 jul. 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. A canção, o rap, Tom e Cuba, segundo Chico. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E4, 26 de dez. 2004.

LEITE, E. Digitalização une técnica de 3 séculos. *Estado de S. Paulo*, Caderno Especial Estadão Acervo, p. H2, 24 mai. 2012.

LEITE, P. Auster ‘entrevista’ Chico Buarque em NY. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E4, 18 abr. 2005.

MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

_____. *Discurso Literário*. Tradutor: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2012.

_____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

_____. *O contexto da obra literária*. Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PAIVA, M, R. Outro Chico. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E1, set. 2003.

PERRONE-MOISÉS, L. in BUARQUE, C. *Leite derramado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

PECHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (orgs). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à Obra de Michael Pêcheux*. Vários tradutores. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993a.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET & HAK (orgs). *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à Obra de Michael Pêcheux*. Vários tradutores. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993b.

SANCHES, P. Este moço tá diferente. *Folha de S. Paulo*, Caderno Ilustrada, p. E4, 12 jun. 2004.

SALGADO, Luciana S. *Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização*. São Paulo: Annablume/Fapesp 2011.

SOUZA-E SILVA, M,C. *Discursividade e espaço discursivo*. In: Comunicação e análise do discurso. Org. Roseli Figaro. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

TEIXEIRA, Ivan. *Fortuna Crítica*. Volumes 1- 6. Revista CULT, 1998.

MOTTA, Maria Renata Casonato. Chico Buarque das letras: uma análise discursiva com as noções de paratopia e ritos genéticos. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v.1, n. 1, p. 101-114, ago./dez. 2012. (ISSN 2317-1006 – online).

TITAN, S. A memória, essa ferida que não fecha. *Estado de S. Paulo*, Caderno Dois, p. D4, 28 mar. 2009.

WERNECK, H. *Tantas palavras: todas as letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Recebido em setembro de 2012.

Aceito em novembro de 2012.